



ANAIS

**X Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

IX Colóquio Nacional Cultura e Poder

**VIII Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

V Simpósio Regional da ABHR/Sul

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2023

GT - 2

A FENOMENOLOGIA DA INDIVIDUAÇÃO NA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE EDITH STEIN

Josiel Artigas Machado (UENP-GT2) ¹

Resumo: O artigo tem como objetivo investigar de forma sucinta o caminho percorrido pela pensadora judia/cristã Edith Stein na elaboração de sua concepção fenomenológica da individuação. Partindo do seu primeiro encontro com a fenomenologia de Edmund Husserl e a influência desta escola na elaboração de sua tese, tendo como base a teologia filosófica de São Tomás de Aquino. Pressupondo-se da análise de alguns textos escritos pela filósofa e teóloga Edith Stein, ao qual evidencia a individuação como um processo de profunda consciência de si baseado na reflexão sobre sua própria vida. Destaca-se, contudo, sua experiência existencial religiosa ao qual mostrou-se como um elemento fundamental no processo de elaboração do seu conceito de individuação. Concluiu-se que, a elaboração de sentido último do ser humano segue em direção ao momento em que o ser compreende seu propósito de vida como parte de um todo maior que transcende a espiritualidade na simbologia da cruz.

Palavras Chave: Fenomenologia. Individuação. Experiência Religiosa.

INTRODUÇÃO

A compreensão da individuação inicia-se pelo processo ao qual o indivíduo se torna consciente de si mesmo, entendendo suas próprias limitações e escolhas. Com base nos escritos de Edith Stein, pode-se afirmar que a individuação é um processo que envolve a reflexão sobre o próprio passado e a busca de significado para o presente. Stein acreditava que, ao passar por esse processo de individuação, a pessoa humana pode chegar a um ponto de consciência profunda de si mesmo para realizar suas potencialidades.

Neste percurso fenomenológico da individuação, o ápice de sua discussão se deu pela publicação de seu artigo *Que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino*. A repercussão deste artigo mostrou-se importante para conceito de desenvolvimento pleno da pessoa. Caracterizando a individuação como formação dos laços sociais torna-a a base para a construção de um sistema social saudável que permite a existência do respeito mútuo entre as partes.

Para Stein é através da individuação que o ser humano passa a se comportar de maneira mais ética, responsável e solidária. Assim, a pessoa humana se distingue, se diferencia e se

¹ Aluno do curso de Especialização em Ciência da Religião e Ensino Religioso da Universidade Estadual do Norte do Paraná UENP. Graduado em Teologia e Filosofia, Psicanalista Clínico e Especialista em Psicopedagogia e em Psicanálise. E-mail: prjam7@gmail.com.

individualiza, tornando-se um ser único e autônomo em relação ao grupo. A individuação tem sido abordada em diversas áreas do conhecimento, desde a filosofia até a psicologia, entre outras disciplinas.

Os filósofos, por exemplo, discutem sobre as relações entre indivíduo e a sociedade, bem como sobre os limites entre as duas entidades. Já os psicólogos lidam com questões psicológicas e relacionadas ao desenvolvimento pessoal, como a construção de identidade, a busca pela autenticidade e o autoconhecimento.

O presente artigo tem como objetivo investigar de forma sucinta o caminho percorrido por Edith Stein, desde seu primeiro encontro com a fenomenologia de Husserl até a elaboração de sua concepção fenomenológica da individuação. A partir da análise de alguns textos onde Edith Stein, evidencia a individuação como um processo de profunda consciência de si, baseado na reflexão sobre a própria vida

Nesse caminho, verificou-se nas obras de Stein: *Sobre o problema da empatia* (1916/2005) alguns fatores são fundamentais para que o indivíduo possa alcançar sua identidade e que desenvolva seu senso de identidade e sua independência no centro da sua alma, fundamentada pela filosofia e psicologia nas *Contribuições para a fundamentação filosófica da psicologia e ciências do espírito* (1922/2005).

Sobre a experiência espiritual pode-se compreender como aquela que se dá no âmago da interioridade humana, ideia central das obras *Introducción a la filosofía* (1931/2005c), e *La estructura de la persona humana* (1932/2007a). Onde percebeu-se que, o papel da família e dos educadores se torna fundamental para a formação de um indivíduo autônomo. Portanto, os estímulos e os ensinamentos adequados são capazes de promover a aquisição de valores, crenças e normas.

O PRINCÍPIO DA FENOMENOLOGIA STEINIANA

Foi em sua obra *Investigações Lógicas* (1901), que Husserl utilizou, pela primeira vez, o termo fenomenologia em substituição da expressão “Psicologia Descritiva”. Conforme Urbano Zilles (2007, p. 218) “para Husserl, a fenomenologia é uma descrição da estrutura específica do fenômeno (fluxo imanente de vivências que constitui a consciência) e, como estrutura da consciência enquanto consciência”. A base para a fenomenologia Husserliana se deu a partir de um diálogo com a filosofia Tomista onde Edith Stein bebeu nessa fonte.

Desta forma, a abordagem fenomenológica está centrada na experiência, na qual a intenção é descrever e compreender os fenômenos como eles se apresentam na consciência, sem a mediação de qualquer interpretação ou julgamento. A proposta da fenomenologia é, portanto, descrever o mundo como ele é vivido, e não como ele é entendido, por meio de teorias ou ideias pré-concebidas. A fenomenologia tem sido usada para analisar diversos campos, como a religião, a arte, a psicologia, a educação e a antropologia, entre outros.

O pensamento fenomenológico, procura explicar as experiências humanas a partir de um ponto de vista subjetivo, imanente e não reduzindo-as ao objetivismo científico. Isto é, “o primeiro grau de clareza é, pois, este: o imanente ingrediente, ou o que aqui significa o mesmo, o adequadamente dado em si mesmo é inquestionável, e que me é permitido utilizar” (HUSSERL, 1973, p.24).

A fenomenologia também pode ser entendida como uma abordagem para a investigação transcendental. “Enquanto as ciências positivas consideram os objetos como independentes do observador, a fenomenologia tematiza o sujeito, o eu transcendental, que “coloca” os objetos” (ZILLES, 2007, p.218).

O objetivo é encontrar a essência das coisas, aquilo que as define e as diferencia de tudo o mais. Segundo Andreato (2019, p. 43) “a essência da fenomenologia é o lema do “retorno às coisas mesmas”, que se faz através da observação como as coisas no mundo-da-vida “aparecem”, ou “se manifestam” para a consciência percipiente”.

Husserl acreditava que a verdade é alcançada através da evidência, isto é, “caráter do conhecimento como tal” (HUSSERL, 1967a, p. 220). Entretanto, significa que devemos nos afastar de nossas experiências e intuições empíricas para chegar a ela. A essência da verdade reside na intuição, uma força poderosa que nos permite ver além das aparências e perceber o que está realmente acontecendo. “O método da crítica do conhecimento é o fenomenológico; a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento” (HUSSERL, 2000, p.22)

Para Husserl, a intencionalidade da consciência é um dos principais princípios filosóficos. Entretanto, refere à capacidade da consciência de se dirigir a certos objetos, processos e ideias. “Uma vez que são consciência de algo, eles são ditos ‘intencionalmente referidos’ a esse algo” (HUSSERL, 2006, p. 89).

Esta ideia é fundamental para Husserl, pois o eu puro não pode ser reduzido a nenhuma outra experiência ou representação. Por fim, Husserl (2006) posicionava a verdade como mais

do que meramente um conceito abstrato, mas algo que pode ser alcançado através da intuição e da reflexão. Sendo assim, o verdadeiro conhecimento reside na consciência, e não em qualquer outra forma de conhecimento.

Edith Stein, absorveu de Edmund Husserl sua concepção fenomenológica e ao iniciar sua fenomenologia defendeu que a “empatia” (STEIN, 2005, p.59) é a capacidade humana de se colocar no lugar do outro, entender suas perspectivas e pensar com a lógica do outro.

Para Stein, o método fenomenológico faz uma descrição da empatia, e um “confronto com outros atos da consciência pura” (STEIN, 1916/2005a, p.82). Se torna, uma descrição e análise cuidadosa dos fenômenos vivenciados pelo sujeito, a fim de compreender a experiência subjetiva dos mesmos, evitando julgamentos e interpretações. Fundamenta-se no princípio da descrição do fenômeno tal como ele é, ou seja, como ele é visto pelo sujeito.

Neste caso, a empatia trata de uma capacidade humana fundamental para um relacionamento saudável e equilibrado com o outro. É uma habilidade que ajuda na conectividade com as outras pessoas e como compreender suas perspectivas. Contudo, a empatia constitui-se na aplicação categórica do método fenomenológico e a utilização dos fundamentos da filosofia fenomenológica, que são os conceitos de: consciência, constituição, vivência e intersubjetividade.

A compreensão do conceito de empatia pode afetar de maneira positiva o comportamento humano. Contudo, permite uma compreensão melhor das necessidades e sentimentos dos outros. A empatia também pode ajudar a se construir relações mais significativas e saudáveis.

Entretanto, ao descrever a empatia como um “fenômeno”, Stein (1916/2005a, p.82) conecta os indivíduos a compreender e se importar com as emoções, sentimentos e experiências de outrem. Para a pensadora, torna-se um ato de consciência pura que envolve a capacidade de se colocar no lugar do outro.

A empatia com princípio das “coisas em si mesmas” (STEIN, 2000) é importante para a saúde mental porque ajuda as pessoas a se conectar e compreender melhor as necessidades e sentimentos de outras pessoas. Isso pode ajudar as pessoas a se sentirem compreendidas, aceitas e conectadas aos outros.

Para Edith Stein, o conhecimento não é apenas a aquisição de informações, mas também um processo de “descoberta” que parte da intuição, da experiência direta e da percepção. Em suas palavras: “examinei o ato da ‘empatia’ como um modo particular de conhecimento”

(STEIN, 1939/2018, p.511).

CONCEITUAÇÃO DA INDIVIDUAÇÃO STEINIANA

A individuação é a forma com que os seres humanos, bem como outras entidades, são reconhecidos como únicos e distintos, tanto nas suas características como na sua existência pessoal. Torna-se um fenômeno complexo, que envolve a relação do indivíduo com o seu meio social, juntamente com uma variedade de fatores culturais, psicológicos, biológicos e espirituais.

Na antiguidade os gregos que reconheciam a individuação como indivisibilidade das partículas do *átomo* (*atomon*). A partir da idade média, a individuação torna-se um elogio a realização humana, ou seja “o conceito de individuação toca na questão da singularidade da pessoa humana, que se constitui a partir de um princípio, *principium individuationis*” (ANDREATA. 2019). Na modernidade Jung conceituou a individuação com “adaptação à realidade interna e, por isso, um processo ‘místico’” (HUMBERT, 1995). Conforme a afirmação de Jung, “podemos traduzir a “individuação” como “tornar-se si-mesmo” ou “o realizar-se do si mesmo” (1982, p. 49).

Epistemologicamente Edith Stein (1996, p. 386.) parte da concepção aristotélica de que o “conhecimento” é gerado por meio da interação entre ser e essência (*ens, essentia*), entre o sujeito e o objeto. Sendo adquirido a partir de uma relação entre o ser, essência e a existência. Stein acredita que existem duas formas de conhecimento: conhecimento intuitivo e conhecimento discursivo.

Essa ideia, forma o núcleo da personalidade a “alma” (*Kerne*) (STEIN, 1932/2013, p.625s) e passa a ser fundamental para a compreensão das relações entre autodeterminação, responsabilidade e desenvolvimento do indivíduo. O núcleo pessoal é o ponto de partida para a análise do desenvolvimento da personalidade de acordo com os princípios de Edith Stein. Ao se referir ao núcleo pessoal,

A partir deste núcleo a pessoa pode estabelecer seu próprio curso de ação, criando assim os meios para alcançar seus objetivos. Ao mesmo tempo, a pessoa pode assumir responsabilidade por suas ações. O núcleo pessoal possibilita ao indivíduo a capacidade de se autodeterminar, tomar decisões e agir de forma responsável e consciente. Permite, contudo, ao indivíduo alcançar seu potencial e desenvolver sua personalidade.

A individuação se dá pelo processo de desenvolvimento da consciência da pessoa humana para que possa assumir a responsabilidade de suas próprias ações, escolhas e decisões. Resultando, assim, na formação de um “eu” puro (STEIN, 1917/2005a, p.121ss), que não está influenciado por valores ou crenças da sociedade ou da cultura em que o indivíduo está inserido. É através deste “eu” puro que o indivíduo desenvolve a habilidade de pensar e agir de forma independente, sendo o centro orientador de sua própria vida.

Neste caso, o núcleo do indivíduo é composto por seus sentimentos, ideais, crenças, opiniões e valores. Em seguida, emerge a identidade pessoal, que é a soma de todas as experiências do indivíduo. Assim, a identidade é única, pois é fruto do contexto histórico e social, das relações interpessoais, da cultura, da religião e da personalidade. São atitudes que compõe as marcas que diferenciam cada um de outras pessoas e, ao mesmo tempo, são as que o identificam como indivíduo. Nessa lógica Stainiana a individuação vai da interioridade, uma forma de conceito de “castelo interior” (STEIN, 1936/2019, p.393) para a exterioridade, ou seja, o indivíduo busca expressar o que lhe é íntimo em ações concretas no mundo exterior.

Essa visão de Edith Stein (1939/2018, p.345) pode ser considerada como forma de entender a pessoa humana como um ser único, mas também como um ser que possui duas dimensões: a natureza e o espírito. A pensadora defendia que a pessoa humana é um ser fechado em si mesmo, mas sempre formado por essas duas dimensões.

A individuação é o processo pelo qual cada pessoa se torna consciente de si mesma e desenvolve sua própria identidade. Neste processo, a pessoa se torna cada vez mais capaz de estabelecer relações saudáveis com o mundo ao seu redor

A FORMAÇÃO DA INDIVIDUAÇÃO EM EDITH STEIN

Pertencente a uma família judia, Edith Theresa Hedwing Stein, foi criada em um ambiente religioso. Nascida em 12 de Outubro de 1891 em Breslau na Alemanha, recebeu uma educação profunda e intensa, com seus pais prestando especial atenção à sua educação intelectual. O apoio de seus pais, sobretudo de sua mãe e a presença de seus irmãos foram fundamentais para a formação de sua personalidade como relata em sua autobiografia *História de uma família judia* (1933-39).

Edith Stein foi uma estudante brilhante. Demonstrou grande interesse e talento para a filosofia. Sua paixão pela filosofia desempenhou um papel importante na formação de suas

ideias e visão do mundo. Essa paixão a ajudou a desenvolver uma personalidade independente e forte.

Essa identificação com sua mãe foi a base para a descoberta de sua identidade e propósito na vida. Stein defendia que ao estabelecer uma conexão com a mãe na infância, as crianças são capazes de desenvolver um senso de identidade e propósito no percurso de suas vidas. Percebeu em sua visão de mundo que a conexão com a mãe, permite que as pessoas se desenvolvam emocionalmente e se tornem indivíduos plenamente autoconfiantes, evitando assim problemas de saúde mental, como a depressão e a ansiedade.

A partir de uma busca inquieta pela verdade, Edith Stein encontra na filosofia um caminho para a verdade como essência através da análise, da reflexão e da argumentação em Tomas de Aquino. “Sobre a verdade se diz que foi criada; porque antes que tenha um ser, não é nada, a não ser no espírito do criador, e não está como criatura, mas como essência criadora” (STEIN, 1933/2007b, p.535).

A verdade é o objetivo final da filosofia, pois é através dela que a compreensão da realidade e das questões existenciais são alcançadas. A busca da verdade pode se dar em diversos campos, desde a ciência, à religião, à política e às artes. Entretanto, a filosofia é considerada a mãe de todas as ciências, pois se dedica a investigar e a explicar as questões fundamentais da vida.

Ao se aprofundar na fenomenologia, Stein desenvolveu uma maior compreensão sobre si mesma e do mundo que a cerca. Essa compreensão teve uma particularmente importante para seu processo de individuação no desenvolvimento de um senso de identidade própria. Ao estudar a fenomenologia, Edith Stein percebe e compreende o mundo conhecendo mais sobre si mesma.

O método fenomenológico provê uma maneira de se aprofundar na verdade, ao invés de buscar respostas simples. Incentiva a verdadeira reflexão e compreensão, ao invés de apenas aceitar as respostas que lhe são dadas. Edith Stein tornou-se uma defensora da fenomenologia e acabou se tornando membro de um grupo de estudos de fenomenologia na universidade de Friburgo. Segundo Stein o “objetivo da fenomenologia é a clareza e, com ela, a fundamentação última de todo conhecimento” (1916/2005a, p.79). Stein, contribuiu para o desenvolvimento desta abordagem filosófica ao publicar trabalhos sobre temas como a noção de sujeito, a percepção, a intencionalidade e a ética.

O processo fenomenológico a autodoação é um componente muito importante no

desenvolvimento pessoal. Se torna o momento em que o indivíduo se abre para o outro, mas mantém o seu próprio espaço e individualidade. Neste processo de autodoação, o indivíduo toma consciência de suas necessidades e limitações, além de reconhecer sua capacidade de formar relações saudáveis com os outros. Esse processo Stein denominou de empatia.

Para Stein, “a melhor maneira de entender o caráter dos atos de empatia é compará-los com outros atos de consciência pura” (2003b, p. 71). Contudo, Stein propôs que a empatia é uma forma de autodoação e ajuda o indivíduo a colocar-se no lugar do outro, reconhecendo e compreendendo suas necessidades.

Em 1916, Edith Stein se tornou uma voluntária na Cruz Vermelha, quando a Primeira Guerra Mundial estava em curso. Ofereceu-se para trabalhar no Hospital Militar da Cruz Vermelha em Viena como enfermeira ajudando a organizar a documentação médica dos pacientes. Durante o tempo em que foi voluntária, sofreu grandes sacrifícios em nome dos pacientes, incluindo fazer longas viagens para levar cuidados médicos aos feridos.

Como enfermeira voluntária nos hospitais militares alemães, Stein foi responsável por cuidar de centenas de soldados feridos e outras pessoas necessitadas. Durante este tempo, Edith Stein mostrou grande dedicação ao trabalho, demonstrando compaixão e respeito pelos seus pacientes que ela cuidava com amor e dedicação para trazer conforto aos seus pacientes, oferecendo-lhes o ouvido e o apoio necessários para ajudá-los a superar suas dores.

A partir deste momento, passou a acreditar que a santidade estava disponível a todos os cristãos. Essa experiência foi a fonte da abordagem de Stein para a filosofia e teologia. Seu posicionamento criou uma síntese entre a tradição da filosofia cristã e a sua própria experiência de Deus. Stein teve um profundo sentimento de unidade entre a razão humana e o mistério divino, o que considerava como o único modo de realmente compreender Deus.

Para Stein, a fé não se opõe à razão, mas ambas deveriam trabalhar juntas para se aproximarem da verdade. Embora acreditasse que a experiência espiritual era algo que deveria ser reconhecida e respeitada, a razão deveria guiar a vida cristã. Argumentou assim, que a fé cristã não poderia ser compreendida plenamente sem a contribuição da razão.

A tese de doutorado de Edith Stein foi escrita em 1916, intitulada Sobre o Problema da Empatia. A tese trata da empatia como um elemento fundamental em qualquer relacionamento humano e do papel fundamental que desempenha na construção de laços sociais.

Stein argumentou que a empatia é a base de qualquer forma de compreensão interpessoal e tem um papel importante na moral e na política. Defendeu a sua tese em 1919, ao voltar da

Primeira Guerra Mundial, e foi aprovada com louvor.

EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE EDITH STEIN

No ano de 1922, Edith Stein se converteu ao cristianismo ao estudar teologia católica, e esta conversão, foi vista como a individuação de sua vida. A experiência de conversão de Edith Stein foi um processo longo e transformador. A leitura de algumas obras de São Tomás de Aquino a inspirou a considerar a possibilidade da existência de Deus e a ver o catolicismo como uma religião verdadeira. Stein tornou-se uma das mais importantes teólogas católicas do século XX, contribuindo com a Teologia Feminina e a Teologia da Espiritualidade. Sua conversão mudou sua vida e a direção de seus pensamentos.

Como religiosa, Stein, passou a acreditar que a fé cristã era a única maneira de alcançar a verdadeira liberdade e sentiu que era necessário comprometer-se com os ensinamentos cristãos para alcançar a plenitude espiritual. Sendo batizada no ano seguinte e passou a dedicar sua vida à compreensão e à vivência dos ensinamentos cristãos. Em sua obra, procurou compreender melhor esses ensinamentos e como eles podem ajudar numa vida plena e significativa.

Em sua passagem pela Alemanha em 1922, juntou-se ao círculo de filósofos cristãos, sendo eles: Roman Ingarden, Max Scheler, Adolf Reinach, Wilhelm Dilthey, e Paul Tillich. O grupo discutia questões filosóficas, tais como a natureza do conhecimento, a estrutura da consciência, a natureza do tempo, e outros tópicos relacionados.

Além de reunirem-se regularmente, publicavam trabalhos conjuntos sobre os temas. Edith Stein foi membro ativo deste círculo e contribuiu para a discussão com seus escritos. Descobriu através destes estudos que a busca intelectual pode ser complementada pela investigação espiritual

Stein acreditava que o objetivo da vida consistia em buscar a verdade. Segundo a religiosa esta verdade, pode ser encontrada através de uma profunda experiência espiritual. Mantendo a mente humana aberta para a luz divina no intuito de experimentar mais profundamente a verdade. A luz divina lhe dava acesso ao conhecimento interno, que é a verdadeira fonte de sabedoria e conhecimento.

No auge de seus 30 anos de idade, Edith Stein tornou-se a primeira mulher judia-alemã a converter-se ao catolicismo. Sendo influenciada por sua amiga e conselheira Anna Reinach,

uma católica devota. Stein afirmava que através do seu batismo tornou-se "cristianizada" e pela influência da filosofia cristã encontrou a chave para desvendar os mistérios da vida. A epifania se deu quando, conforme afirma Stein “[...] caiu em minhas mãos a “Vida” de nossa Santa Teresa, pôs fim a minha larga busca da verdadeira fé” (STEIN, 2018, p.543). Stein adotou o nome de Teresa Benedicta da Cruz, em homenagem a Santa Teresa de Ávila. Neste percurso, tornou-se uma fervorosa católica e dedicou sua vida ao estudo da filosofia cristã.

Para Edith Stein, a essência da pessoa é sua alma, fonte de sua individualidade. No entanto, a pessoa é composta de três partes: mente, corpo e alma. Estas três partes formam um todo, e cada parte é importante para a formação da pessoa como um todo. Stein (1936/2019, p.441), afirma que a “‘alma’ é, então, a forma supra material que anima um corpo” e “‘espírito’, entende-se uma essência imaterial, dotada de razão e que opera livremente (a alma humana ou um ‘espírito puro’

A filosofia cristã Steiniana foi marcada por sua experiência de amor na teologia da cruz, ao qual teve um papel fundamental na sua própria identidade. Conforme a estudiosa, “uma Teologia da Cruz - é uma verdade viva, real e ativa; é como um grão de fermento que, semeado na alma, fixa suas raízes e cresce, deixa marcas especiais e determina o comportamento a ponto de ser percebido também exteriormente” (STEIN, 1996, p. 24).

Para a Teóloga, o amor é o princípio básico da existência humana e esse amor é a força que move a cada pessoa para alcançar a autenticidade e a plenitude. Assim, a existência humana é orientada pelo amor e que todos os seres humanos são, em última análise, unidos por um sentimento de amor. Esse amor se torna a força que impulsiona para a busca da verdade e da bondade em servir a outros.

Essa visão do amor se manifestou em toda sua filosofia cristã e em sua vida pessoal num processo de individuação que a levou a buscar a verdade na religião cristã. Após abraçar essa fé, decidiu ingressar como freira no mosteiro do Carmelo de Colônia, em 15 de abril de 1934, onde dedicou-se ao estudo e à oração. Durante este período, Stein desenvolveu sua teoria sobre o amor e a paz interior, que segundo a Stein, o amor deve ser desenvolvido através da conexão com Deus, por ser Ele a fonte de todo amor e a paz interior só pode ser alcançada quando compartilhamos o amor com todos.

Edith Stein defendia que o ser humano deveria encontrar a verdadeira identidade e propósito de sua existência e ser autêntico consigo mesmo através do exercício da razão, da moral e da fé, o indivíduo pode desenvolver sua própria consciência e tornar-se uma pessoa

autêntica. Ou seja, tornar-se si mesmo em espírito e “em verdade e no espírito de Deus” (ANDREATA, 2009).

Contudo, se faz necessário que o indivíduo se liberte de todas as influências externas, como as expectativas sociais passando a seguir suas próprias aspirações e desejos. Dessa forma, Stein acreditava que cada indivíduo deve encontrar o sentido de sua existência e viver em conformidade essa descoberta.

Edith Stein procura explorar as profundezas da alma numa visão mística. Na tentativa de revelar a natureza mística do ser humano. Para tanto, a pensadora se utiliza da concepção do castelo interior de Tereza de Ávila. “A vida *interior* é aqui um ser consciente; o eu, um ser desperto, cujo olho espiritual olha para o interior e para o exterior: pode assumir compreendendo tudo o que vai até ele, responder em liberdade pessoal” (STEIN, 1936/2019, p.393).

Essa mística fornece a base para a interioridade e onde Stein encontra o divino no humano. Por meio desta linguagem simbólica, Stein compreende os mistérios da vida e do espírito, ao mesmo tempo em que motiva a buscar um propósito mais elevado. De acordo com Stein, “todos os cristãos são chamados ao essencial, à união com Deus” (2013, p.320).

Para uma possível união entre Deus e os seres humanos, a teóloga aponta para a cruz com um símbolo universal. Esta relação é símbolo de sacrifício, redenção, esperança e fé. Essa análise está debruçada em São João da Cruz, onde Stein encontrou o sentido da cruz como um símbolo de individuação que se deu pelo encontro consigo mesma. Afirmou, contudo, que “todas as demais coisas perdem importância”; “As energias da alma, ao se aproximarem das verdades de fé, chegam à *ciência dos santos*. E o mistério da cruz, ao tornar-se forma interior, converte-se em *ciência da cruz*”. (STEIN, 2013, p.12-13).

Neste caso, a cruz representava o caminho para entrar em contato com a sua essência, ou seja, o seu verdadeiro “eu”. A cruz também é um símbolo de comunhão com Deus, um caminho para realizar o seu chamado e viver o seu propósito. Além disso, a cruz é pensada como um símbolo de devoção e de amor a Deus.

Durante toda a sua vida, Edith Stein buscou a verdade e a compreensão da natureza divina e estudou como filósofa, freira e teóloga. Dedicou-se ao estudo profundo da existência humana e da verdade divina. Foi uma das primeiras mulheres a conseguir um diploma de doutorado em filosofia na Alemanha, e foi a primeira mulher a receber o título de doutora em teologia neste país.

Influenciada pela filosofia de São Tomás de Aquino, seu trabalho teve um profundo impacto na filosofia e na teologia católica. De acordo com Peretti, “o *re-pensar* com intensidade e rigor a experiência religiosa, seu significado e sua verdade é um legado deixado por Edith Stein (2009, p. 270). Em 1998 foi canonizada como Santa Teresa Benedicta da Cruz pelo então Papa João Paulo II.

CONSIDERAÇÕES

Compreendeu-se através dos estudos de Edith Stein que a fenomenologia da experiência religiosa é o estudo da vivência singular de cada pessoa em relação às dimensões religiosas. Essas dimensões abordam a oração, a meditação, a contemplação, a celebração, o ritual, a liturgia e a devoção. Esta experiência é única e não pode ser reduzida a uma descrição geral.

Por isso, a fenomenologia visa compreender os significados que as pessoas atribuem à sua prática religiosa, assim como as múltiplas formas de expressão de sua fé. Buscando investigar a forma como a pessoa experimenta e vivencia a fé na dimensão religiosa e como influencia a vida inteira.

Os estudos fenomenológicos sobre o tema abordam tópicos como a diversidade das práticas religiosas e a forma como essas práticas influenciam a vida diária e a forma como as experiências religiosas são influenciadas pelo meio social. Portanto as experiências religiosas podem ser interpretadas de forma diferente por pessoas de diferentes culturas.

Edith Stein mostra que não há uma experiência religiosa definitiva, mas sim um contínuo esforço de autoconhecimento e transformação interior que possa nos ajudar a compreender melhor o sentido da vida e o lugar da pessoa humana no mundo. Argumenta, ainda, que, para a experiência religiosa ser suficiente, deve ser acompanhada por uma transformação interior que possa ser alcançada através da autoconsciência.

Para Stein, o método fenomenológico é apropriado nessa tarefa e ajuda a pessoa a se concentrar na experiência presente, olhando-a de diferentes ângulos e refletindo sobre o significado do que está acontecendo. Isso pode ajudar a pessoa humana a compreender a experiência religiosa de maneira mais profunda a fim de melhorar no crescimento espiritual. Sobretudo, a interiorização da experiência religiosa deve ser acompanhada de um compromisso sério na busca da verdade e do sentido da vida. Significa poder-se utilizar da experiência religiosa para aprofundar seu autoconhecimento e descobrir o que é importante para si.

Considerara-se que, ao longo desse caminho, a mística e santa vivenciou profundas transformações, que a ajudaram a compreender seu propósito e a encontrar significado em sua vida. Sendo assim, o holocausto pode ser visto como um ato de sacrifício abrindo mão de sua própria vida para alcançar um objetivo maior. Essa consagração, por sua vez, se dá como uma coroação de sua trajetória, que culmina na canonização do seu heroísmo como exemplo da busca incansável pela transcendência.

A narrativa da história existencial de Edith Stein se tornou uma forma de contar as nossas histórias de vida de forma a dar sentido às nossas experiências. Essa narrativa, nos ajuda a entender através de profunda reflexão, o que já vivemos, o que ainda vivemos e o que ainda podemos viver. E assim, permite-nos a organizar nossos pensamentos identificando com isso, as principais influências, decisões e mudanças que já afetaram a nossa vida

Por fim, é possível identificar o sentido último do ser humano em direção ao momento em que ele compreende a sua vida como parte de um todo maior. O fato de compreender que o sentido da vida humana não se encontra em qualquer momento ou lugar, mas em seu próprio ser, e que a busca por esse sentido está diretamente ligada à sua capacidade de viver a vida com plenitude e intensidade.

REFERÊNCIAS

ANDREATA, Ocir de Paula; PERETTI, Clélia. **A individualização da pessoa na ontoteologia de Edith Stein**. 2019. 281 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2019 Disponível em: <https://archivum.grupomarista.org.br/pergamumweb/vinculos/00009a/00009a55.pdf>. Acesso em: 31/06/2023.

HUMBERT, G. Elie. (1995). **Jung**. São Paulo: Summus, 1985.

HUSSERL, Edmund. **A Ideia da Fenomenologia**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2000.

HUSSERL, Edmund. (1996). **Investigações Lógicas: 6ª. Investigação**. São Paulo: Nova Cultural.

HUSSERL, Edmundo. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras. 2006.

PERETTI, Clélia; STRECK, Valburga Schmiedt; ALES BELLO, Angela. **Edith Stein e as questões de gênero: perspectiva fenomenológica e teológica**. 2009. 302 f. Tese (Doutorado) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2009.

STEIN, Edith. **Introducción a la filosofía** (1931). Obras Completas, II. Vitoria: El Carmen & Madrid: Editorial de Espiritualidad & Burgos: Monte Carmelo, Espanha, 2005c.

STEIN, Edith. **Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciências del espíritu** (1922). Obras Completas, II. Vitoria: El Carmen & Madrid: Editorial de Espiritualidad & Burgos: Monte Carmelo, Espanha, 2005b.

STEIN, Edith. **Sobre el problema de la Empatía**. In Obras completas, II. Escritos filosóficos: Etapa fenomenológica. Burgos: Monte Carmelo, 2005a.

STEIN, Edith. “**A empatia segundo Edith Stein: Pode-se enfatizar a ‘vivência’ de alguém que es tá dormindo?**” In Empatia, Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas. Juven al Savian Filho (org). São Paulo: Edições Loyola, 2014b, pp. 29-53.

STEIN, Edith. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. Trad Maria do Carmo V. Wollny e Renato Kirchner. SP: Paulus, 2018.

STEIN, Edith. **La Struttura de la Persona Umana**. Roma: Citta Nuova, 2000.

STEIN, Edith. **Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de Uma Ascensión al Sentido del Ser**. México: Fondo de Cultura Economica, 1996.

STEIN, Edith. (1982). **Scientia Crucis: Studio su san Giovanni della Croce**. 2a. ed. (P.E. di S. Teresa. O.C.D., Trad.). Roma: Postulazione Generale dei Carmelitani Scalzi. (Publicação original de 1950).

STEIN, Edith. **A Ciência da Cruz: Estudo sobre São João da Cruz**. 7. ed. Trad. D. Beda Kruse. São Paulo: Loyola, 2013.

STEIN, Edith. **Acto y Potencia: Estudios Sobre una filosofía del Ser (1933-1934)**. Obras Completas, III. Vitoria: El Carmen & Madrid: Editorial de Espiritualidad & Burgos: Monte Carmelo, Espanha, 2007b.

STEIN, E. **O que é filosofia? Um diálogo entre Edmundo Husserl e Tomás de Aquino**. Scintilla – Revista de Filosofia e Mistica Medieval. ISSN 1806-6526 – Curitiba: Scintilla, vol. 2, n. 2, p. 207-364, jul./dez. 2005. Acessado em 08/12/14 e disponível: <http://www.sãoboaventura.edu.br/galeria/getImage/45/4773138785371750.pdf>.

ZILES, Urbano. **Fenomenologia e Teoria do Conhecimento em Husserl**. Rev. Abordagem Gestalt. Goiânia, v.13, n.2, p.216-221, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S109-68672007000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 04/07/2023.

* * * * *